

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIA DE EDUCAÇÃO - FACE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

TATIANA MODESTO PIMENTEL

CANTIGAS DE RODA DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA COMO
FACILITADOR NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE LETRAMENTO DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

BRASÍLIA, 2005

TATIANA MODESTO PIMENTEL

CANTIGAS DE RODA DA CULTURA POPULAR BRASILEIRA COMO
FACILITADOR NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE LETRAMENTO DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Projeto de Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia - Formação de Professores para Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE- do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como parte das exigências do trabalho de conclusão de curso.

Orientador: Renato Bastos João

BRASÍLIA, 2005

Dedico este trabalho aos meus alunos que fizeram despertar em mim a investigação de suas identidades.

A Nara Lis minha filha. Ao professor Renato que incansavelmente norteou este trabalho que nasceu do desejo meu de crescer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai que me ajudou nas revisões, a minha mãe que não me deixou desistir do sonho de educar, ao meu marido que pacientemente leu diversas vezes este trabalho, a minha filha que apoiou a minha escolha e aos meus irmãos que participaram da construção deste trabalho.

Jabuti sabe lê
Não sabe escrever
Ele trepa no pau
E não sabe descer
Lê ,lê, lê

RESUMO

Este trabalho de pesquisa se propôs construir o processo de letramento tendo elemento facilitador as cantigas de roda da cultura popular brasileira. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa esteve em evidenciar as cantigas de roda da cultura popular brasileira como instrumentos lúdicos e significativos no processo de letramento da Educação de Jovens e Adultos. Os jogos, brincadeiras e cantigas de roda são fontes de desenvolvimento da linguagem e construção da relação entre o lúdico e o código escrito. Esta manifestação cultural presente na história de vida dos educandos, apresenta-se como experiência lúdica, a qual possibilita conduzir os educandos a um processo de aprendizagem significativa. A elaboração teórica desta pesquisa se fundamenta, principalmente, na concepção de lúdico e aprendizagem proposta por Vygotsky. A metodologia de pesquisa foi subsidiada por princípio qualitativos, a partir dos quais se fez uso dos seguintes instrumentos de pesquisa: atividades lúdicas, observação participativa, entrevistas e o diário de campo. A investigação foi realizada em uma escola Pública do Distrito Federal, localizada no Lago Oeste, área Rural de Sobradinho. A análise dos dados demonstrou que o resgate e utilização das cantigas de roda que os alunos vivenciaram em sua infância possibilitaram maior interação entre o conhecimento empírico e o processo de construção do código escrito. Ao término da pesquisa identificamos a utilização das cantigas de roda da cultura popular como agente facilitador da aprendizagem significativa do processo de letramento de jovens e adultos.

Palavras Chaves: Cantigas de roda; Educação de Jovens e Adultos; Aprendizagem significativa.

Sumário

INTRODUÇÃO-----	08
CAPÍTULO 1 - REFERENCIAIS TEÓRICOS	
1.1 A importância do letramento-----	12
1.2 A cultura popular-----	17
1.3 A prática pedagógica e a cultura popular-----	22
1.4 A utilização lúdica da cultura popular como agente facilitador do letramento -21	
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA DE PESQUISA	
2.1 Apresentação da Metodologia de Pesquisa-----	26
2.2 Objetivo da pesquisa de campo-----	27
2.3 Contextualização – característica da turma-----	28
2.4 Procedimentos -----	27
2.5 Coleta de dados -----	30
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	
3.1 Apresentação da Análise e Discussão dos Dados-----	33
3.2 Análise dos dados da observação-----	33
3.3 Análise dos dados da entrevista -----	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	39
REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS-----	41
ANEXOS-----	43
APÊNDICE-----	45

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo a importância do processo de letramento do indivíduo, resgatando as cantigas de roda da cultura popular brasileira.

O educando (adulto que retorna a escola) politicamente esquecido em seu trabalho árduo com a terra e/ou sem trabalho, acredita na possibilidade de codificar seu pensamento e sua vida, através do código escrito. É fato que ele busca por novos conhecimentos e experiências, pois o seu desejo é de ler e escrever. SILVA (2000. p.145) explica o alcance da concepção de “ler”: “ler é, antes de tudo, refletir sobre as coisas do mundo, ver na escrita um lugar de questionamento de fontes, de respostas, viabilizando a construção de um “universo pessoal” aberto às transformações e às incorporações.”

Para possibilitar essa leitura de mundo para os alunos, diante de uma sociedade encaminhada para ser “globalizada”, é necessário que não se perca suas tradições culturais, literalmente retratada nas cantigas de roda, da casa de farinha, das “trava-línguas”, adivinhas, parlendas, lendas e versos que compõe a diversidade cultural brasileira.

A relação educativa que estabelece os nexos entre o saber, poder e identidade, será a parte que o professor poderá intermediar, atribuir sentidos e produzir a identidade cultural com os alunos. Essa idéia segundo Silva, aparece como multiculturalismo, que na educação contextualizada compreende a produção das diferenças culturais. O Multiculturalismo pode ser compreendido como um movimento de resgate cultural onde a educação sistematizada insere a cultura dos educandos, “em favor de um currículo que seja culturalmente incluso, incorporando as tradições culturais dos diferentes grupos culturais e sociais”(apud módulo, 2003, p.217).

As manifestações culturais do povo brasileiro são ricas e inúmeras. Seu registro, porém, é escasso, fazendo com que a história de colheita, chuva e seca, festa, danças e cantigas da casa de farinha, de rodas, das quadrinhas, versos e repentes... sejam lembradas e assistidas

apenas em manifestações orais, ocasionadas em que a sonoridade de vozes e melodias traz a história da vida desse povo.

O estudo e descrição das manifestações orais da cultura popular (cantigas de rodas, histórias de fé e festa do povo brasileiro) podem ser contextualizados nas classes de alfabetização onde não ocorre somente a aquisição do código escrito, mas também a valorização das raízes culturais do povo brasileiro.

Justificativa

Encantada pelas manifestações culturais do povo brasileiro e com desejo de vivenciá-las na perspectiva do entreterimento e/ou lazer, descobri o valor da minha identidade cultural, pois não enxergava as raízes e tradições de minha família muito menos as valorizava, já que vivendo a muitos anos em Brasília, essa capital que acolheu todos os brasileiros com sonhos de prosperidade, deixando para trás as angústias e tradições. Essa cidade que pouco valorizou as diferentes culturas, dos cidadãos que a escolheram para viver, acreditando ser desprovido de identidade cultural.

No entanto é gratificante observar o quanto esta visão de neutralidade cultural, se modificou. Hoje, Brasília é considerada uma cidade plural, com manifestações culturais diversificadas.

Ao trilhar o caminho de encontro a minhas raízes, cruzei com o prazer de alfabetizar jovens e adultos, esse sujeito com auto-estima baixa, que vive a margem social, pois não se apropriaram da leitura e escrita em código formal. Desse encontro de identidade e ou falta dela, nasceu à necessidade de realizar um projeto de resgate a auto-estima, acompanhado ao processo de formação de um sujeito leitor e escritor.

É sabido que as manifestações culturais são formas lúdicas, onde se realizam as inclusões sociais. A relação social pode ser construída através de brincadeiras e jogos. Segundo Vygostsky, quando o indivíduo brinca, joga e dança “está desenvolvendo sua linguagem oral, seu pensamento associativo, suas habilidades auditivas e sociais,

construindo conceitos de relação especiais e se apropriando das relações” (apud Antunes, 2003, p.19).

Assim, este trabalho, se propõe a construir o processo de letramento da Educação de Jovens e Adultos, valorizando as diversas manifestações culturais do povo brasileiro como afirmativa social. Buscam também estimar a cultura da nação brasileira como identidade, apreciando as rodas de maracatu, cacuriá e ciranda, em combate a massificação de elementos culturais que evidenciados pela globalização, como por exemplo: ao divulgar o carnaval, como sendo a única manifestação cultural de uma nação, com território continental.

Delimitações do Tema

A educação para a cidadania tem responsabilidade na construção de um sujeito leitor e escritor, pois a busca do saber, integrado ao resgate da cultura, através das cantigas de roda da cultura popular brasileira, na aquisição do processo de letramento dos educando da Educação de Jovens e Adultos, pode possibilitar a ampliação da visão de mundo e pode valorizar a identidade cultural.

Portanto, a educação, ao demonstrar contribuir com ações afirmativas culturais realizadas através das manifestações tradicionais de cada indivíduo, essas manifestações são fontes de desenvolvimento e aprendizagem, por isso que o sujeito que valoriza suas raízes culturais tem a possibilidade de apropriar-se e comunicar o saber oral e simbólico de seu povo.

Diante da diversidade das manifestações culturais que o povo brasileiro vivencia, as cantigas de rodas tem sido um jogo musicado que possibilita ao indivíduo interagir com o ritmo, a dança e produção escrita do texto cantado.

Sabe-se que a aprendizagem significativa é grande aliada da construção desse sujeito letrado, Ao propor os jogos culturais, essas interações com as cantigas de roda da cultura popular brasileira, estão promovendo o conhecimento significativo e valorizando as raízes culturais desse povo.

Assim, pretendemos nesta pesquisa, apresentar as cantigas de roda da cultura popular brasileira, como elemento das manifestações culturais, observando se esse instrumento pode facilitar o desenvolvimento do processo de aquisição de leitura e escrita dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Objetivos

Tendo como objetivo geral, evidenciar as cantigas de roda da cultura brasileira como instrumento de lúdico e significativo no processo de letramento da Educação de Jovens e Adultos. Deste objetivo geral, os seguintes objetivos específicos: levantar referencial teórico para a prática pedagógica, fundamentando no lúdico; o desenvolver o processo de letramento, a partir dos jogos da cultura popular; e evidenciar as raízes culturais dos alunos da classe de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos.

CAPÍTULOS 1 – REFERENCIAIS TEÓRICOS

1.1. A importância do letramento

As letras, com seus símbolos e significados, fazem viajar por mundos desconhecidos, aventurar por passeios ambicionados, através do simples fato de ler. Ler um bom livro pode ser um prazer indescritível. Os livros, companheiros secretos e silenciosos, são alentos nas viagens solitárias que por ventura se faça. Antes das letras, as pessoas se comunicavam por gestos e palavras, forma oral de comunicação. E a memória das pessoas é que acumulava o conhecimento.

O conhecimento é o saber que a humanidade vai construindo por meio da ação de interação entre os indivíduos, o meio ambiente e o mundo. E a ação de interação entre os indivíduos pode ser chamada de comunicação.

Neste sentido, na história da humanidade, a fala foi uma das maiores conquistas, e há muito tempo depois, o registro, ou seja, a escrita.

Na pré-história, os indivíduos faziam uso de símbolos através do que hoje denominamos de pintura rupestre, pois tentavam registrar sua cultura para os seus descendentes e a demarcação de seus territórios para outros grupos.

No processo de socialização, o indivíduo construiria verbalmente a língua para, muito depois, passar à pesquisa e apropriação do código lingüístico escrito. Acredita-se que cada ser humano realize, individualmente, uma jornada muito semelhante a esse, ao longo da sua ontogênese.

Esta visão histórica da humanidade demonstra que o ser humano, durante o desenvolvimento da sua vida, vivencia todas as etapas evolutivas que a espécie humana realizou. Da mesma forma que o início da humanização, ao nascer o indivíduo não fala, comunicando-se por gesto.

Essa comunicação é uma forma de interação. Ao interagir com o outro, ele tem a possibilidade de apropriar-se dessa forma de comunicação, a oral, sendo a primeira esfera da construção do código escrito.

Para Vygotsky, a segunda esfera da construção do código escrito são os jogos, pois o jogo tem uma função simbólica representativa, isto é, alguns objetos podem apresentar outro, como exemplo: um pedaço de madeira se transformar em um cavalo de pau. “...o brinquedo simbólico das crianças pode ser entendido como um sistema muito complexo, de “fala” através de gesto que comunicam e indicam os significados dos objetos usados para brincar”. (2000 p. 143).

A linguagem escrita também é representativa, essa representação pode ser realizada através de uma história marcada por símbolos. Ao utilizar representação/simbolização com elementos concretos que possa realizar o papel imaginário dos objetos, como um livro representa uma casa, um lápis uma empregada, uma borracha a criança, uma tesoura o médico e um vidro um remédio e assim por diante. E a seguir, através dos gestos figurativos¹, o indivíduo realiza a leitura de uma história. Como, por exemplo, o médico chega a casa e bate na porta, a empregada abre a porta, o médico atende a criança e receita um remédio, a empregada compra o remédio, a criança toma e fica curada. Houve assim uma leitura de símbolos.

Esses símbolos na escrita formal são os signos, alfabeto, sinais gráficos nos quais, representam valor sonoro, na escrita e leitura representativa.

Assim, com o desenvolvimento social que a humanidade obteve como consequência, à necessidade de realizar o registro. Foram estabelecidos e convencionados sistemas de símbolos para que houvesse uma compreensão generalizada das emissões sonoras. Essa conversão possibilitou o surgimento das línguas.

A evolução da civilização exigiu a inovação da linguagem. Após a apropriação oral da língua houve necessidade da descoberta do código de sinais capazes de permitir a

¹ Neste contexto ‘gestos figurativos’ é realização de movimentos com os objetos que podem representar personagens de uma história imaginária.

fixação dos conhecimentos e informações. Como destacamos acima, na pré-história, os indivíduos registravam seu cotidiano nas paredes das cavernas onde habitavam. As pinturas rupestres são registros dessas civilizações. Esses registros também são códigos, compreendidos pelas pessoas que pertenciam a esse grupo. Segundo o teórico Vygotsky,

Em experimentos realizados para estudar o ato de desenhar, observamos que, freqüentemente, as crianças usam a dramatização, demonstrando por gesto o que elas deveriam mostrar nos desenhos; os traços constituem somente um suplemento a essa representação gestual. Uma criança que quer desenhar o ato de correr começa por demonstrar o movimento com os dedos. (2000, p.142)

Desde então foram se desenvolvendo pelo mundo diversos códigos escritos, correspondentes aos sistemas lingüísticos existentes. E com a ampliação das rotas comerciais e o intercâmbio entre culturas, tornou-se fundamental estabelecer um único código para realizar esses registros. A ampliação dos sinais, que mais tarde, a civilização egípcia sistematizou em conjunto lingüístico, registrando-o graficamente, como conjunto de símbolos, denominado alfabeto. A evolução das letras foram aperfeiçoadas pelo povo romano, que por sua vez adaptou o alfabeto grego, possibilitando assim a elaboração do Latin. Assim, as informações passaram a ter alcance histórico maior, conseqüentemente, as possibilidades de comunicação se estenderam.

A leitura e a escrita possibilitam o acesso do aluno a diversidade de opinião, que levam a reflexão sobre o mundo no qual está inserido, elaborando de forma autônoma e consciente sua maneira de agir em sociedade, estando compromissado com a ética humanista.

Esse termo, ética humanista, foi defendido por Paulo Freire, pois ele acreditava que a cada segmento social está ligado a uma ética, isto é, um grupo de feirante tem combinados de preços e espaço para vender sua mercadoria, mas essas regras existem entre eles, e não com o consumidor. Para Freire a ética deve abranger todos os seres humanos e não a segmentos isolados. A educação deve está compromissada com o bem estar integral dos seres humanos.

Sem dúvida, este processo de apropriação do letramento é contínuo, não sendo realizado em apenas um instante, mas em um processo de desenvolvimento capaz de criar

conexões com o mundo que o cerca e ampliar seus conhecimentos por meio do processo de letramento. O letramento vem sendo utilizado na educação como um conceito mais abrangente de alfabetização. O letramento trata-se de uma nova abordagem ao processo de aquisição da leitura e escrita. Contrapondo-se a simples prática de codificação e registro de sinais.

Segundo Soares (1998 p.66 e 67), o letramento pode ser visto com uma dimensão individual, com um atributo pessoal, parecendo referir-se à posse de habilidades individuais de leitura e escrita e na inclusão desse indivíduo na sociedade, sendo considerado um fenômeno referente a um conjunto de atividades sociais que demandam a escrita. Neste contexto, percebe-se que a apropriação de atos de leitura e de escrita traz para o indivíduo conseqüências socioculturais. Essa expressão sociocultural pode ser definida como um modo novo de viver na sociedade, de se inserir e produzir manifestações culturais e populares.

Para realizar esse processo de forma significativa é preciso perceber, que os alunos, no período de aquisição da leitura e escrita, trazem consigo uma história de vida, relacionada aos vários aspectos culturais e políticos de suas experiências anteriores na escola ou fora dela.

Esses homens não familiarizados com a escrita, inseridos em sociedades letradas, viram-se excluídos da possibilidade de participarem plenamente da vida social, em decorrência do estigma criado em relação ao sujeito que não lê e nem escreve. Atualmente a humanidade chegou a um ponto onde o letramento, essa competência para codificar e produzir a linguagem escrita passou a ser quase tão importante quanto à oralidade.

Com a evolução do homem, da sociedade e do desenvolvimento dos aspectos culturais, econômicos e políticos da comunicação, nota-se a importância de propiciar aos educandos condições cognitivas, sociais e econômicas que permitam pensar, agir e atuar sobre reais condições de ler o mundo de forma independente, crítica e criativa.

Para Vygotsky o desenvolvimento da escrita no indivíduo, está estreitamente relacionado com todo processo de construção da linguagem. Para localizar esse processo, estabelece-se o conceito de ‘pré-história’ da escrita.

A história do desenvolvimento da linguagem escrita nas crianças é plena dessas descontinuidades. Às vezes, a sua linha de desenvolvimento parece desaparecer completamente, quando, subitamente, como que do nada, surge uma nova linha; e a princípio parece não haver continuidade alguma entre a velha e a nova. Mas somente a visão ingênua de que o desenvolvimento é um processo puramente evolutivo, envolvendo nada mais acúmulo graduais de pequenas mudanças e uma conversão gradual de uma forma em outra, pode esconder-nos a verdadeira natureza desses processos. Esse tipo revolucionário de desenvolvimento, no entanto, de maneira nenhuma é novo para a ciência em geral; é novo somente para a psicologia da criança. Portanto, apesar de algumas tentativas ousadas, a psicologia infantil não possui visão convincente do desenvolvimento da linguagem escrita como um processo histórico, como um processo unificado de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2000, p.141)

Esse momento é composto de estruturas anteriores, mas fundamentais para a construção da linguagem escrita. As estruturas podem parecer alheias à construção da linguagem escrita, principalmente quando se considera escrita como uma habilidade técnica e motora a ser adquirida, e não uma competência a ser desenvolvida amplamente.

Isso se torna ainda mais esclarecedor se considerarmos que a escrita é o signo do signo, uma vez que essa representa a fala, que já é a representação dos objetos reais.

O signo pode ser definido segundo Vygotsky como interação comunicativa, “o gesto é o signo visual que contém a futura escrita da criança, assim como uma semente contém o carvalho. Como se tem corretamente dito, os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos são, freqüentemente, simples gestos que foram fixados.” (200, p.141 e 143).

O indivíduo que não se apropriou dessa interação comunicativa, o processo de letramento, tem grande semelhança com esse homem pré-histórico que codificava de forma individual sua vida em sociedade.

Na tentativa de construir um sujeito leitor e escritor, é importante valorizar o educando em sua totalidade. Acreditando em seus conhecimentos anteriores, respeitando sua visão de mundo e principalmente suas manifestações culturais.

O aluno não é apenas um ser em desenvolvimento cognitivo, mas um ser real, com a vida e problemas próprios de sua realidade que procura interagir com as pessoas que estão ao seu redor. Ele é um ser historicamente situado tanto nas relações com o outro quanto com o ambiente, com os quais vai apreendendo a realidade e elaborando as significações de seu contexto.

1.2 A cultura Popular

Em todo o Brasil a cultura popular apresenta inúmeros elementos como as cantigas de roda, as danças, comidas típicas, as lendas, a diversidade de texto como os trava-línguas, parlendas e os jogos de adivinhação (“o que é o que é?”). As possibilidades de pesquisa são inesgotáveis, assim iniciamos a investigação, com as definições de cultura.

No livro de Marilena Chauí conformismo e resistência, a citada autora apresenta um conceito de cultura numa perspectiva histórica.

Vinda do verbo latino *colere*, cultura era o cultivo e o cuidado com as plantas, os animais e tudo que se relacionava com a terra; donde, agricultura. Por extensão, era usada para referir-se ao cuidado com as crianças e sua educação, para o desenvolvimento de suas qualidades e faculdades naturais; donde, puericultura. O vocábulo estende-se, ainda, ao cuidado com os deuses; donde, culto. A cultura escreve Hanna Arendt, era o cuidado com a terra para torná-la habitável e agradável aos homens, era também o cuidado com os deuses, os ancestrais e seus monumentos, ligando-se à memória e, por ser o cuidado com a educação, referia-se ao cultivo do espírito. Em latim, *cultura animi* era o espírito cultivado para a verdade e a beleza, inseparáveis da natureza e do Sagrado. (1993, p.11).

Portanto, conforme a autora define cultura, observa-se que esta apresenta-se como uma ação de cuidar, atualmente esse conceito de cuidar, pode representar uma definição restrita de cultura, no qual, resume cultura como sinônimo de comidas típicas, educação moral e algumas festas religiosas. Isto não quer dizer, que os elementos citados não fazem parte da cultura, mas não podemos resumi-la assim.

A cultura é entendida como toda produção humana simbólica voltada para o desenvolvimento humano. Esse conceito de cultura apresenta a cultura como toda produção humana voltada para o progresso (CHAUÍ, 1996).

Na concepção marxista, a cultura é o processo e o produto do trabalho do homem em sua luta pela manutenção da vida e da existência. Essa luta é, portanto, travada numa sociedade dividida em classes sociais com interesses diferentes: os que detêm os meios de produção e os que não os detêm. A cultura tem um aspecto dicotômico, pois se configura como cultura o que é produzido pelos detentores dos meios de produção e também o que é produzido pelos trabalhadores que atendem às necessidades dos donos dos meios de produção (CHAUÍ, 1996).

Percebe-se que, desde tempos remotos, a cultura sempre teve uma barra que a divide entre o que se denomina cultura produzida pelas classes dominantes e cultura produzida pelas classes dominadas. Sendo assim, não é possível falar em cultura no singular, precisamos pluralizar o termo para que ele possa comportar as inúmeras formas de se produzir cultura no planeta.

A diversidade de manifestações culturais para se conceituar cultura popular brasileira apresenta em diferentes contextos, pois conforme o momento histórico que a humanidade vivencia se elabora novos conceitos.

Para os novos conceitos de cultura, podemos iniciarmos como a definição de popular. Para Marilena Chauí, a palavra popular deriva de povo e define “o Povo como vontade universal e legislador soberano, unidade jurídica dos cidadãos definida por lei” (1986, p.17).

A cultura do povo-popular é a daqueles que possuem conhecimento esclarecido, que tiveram acesso a uma educação formal nas escolas. E a cultura do povo-plebe é a daqueles que não possuem um saber formalmente produzido, ou seja, o saber da escola.

Ao refletir sobre o encontro de Cultura e popular, observamos que a segregação é histórica e as definições dos privilégios as manifestações culturais dominantes. Como movimento de resistência da cultura popular Chauí escreve assim:

A Cultura Popular: primitivismo: (isto é, a idéia de que a cultura popular é primitivismo e preservação de tradições que, sem o povo, teriam sido perdidos), comunitarismo (isto é, a criação popular nunca é individual, mas coletiva e anônima, pois é a manifestação

espontânea da Natureza e Espírito do Povo) e purismo (isto é, o povo por excelência é povo pré-capital, que não foi contaminado pela vida urbana). (1986, p.19 e 20)

A cultura popular passa a ser compreendida como aquela que emana do povo, é preservada pelo povo e vivenciada pelos mesmos.

Para reforçar a abrangência da cultura popular o estudioso da cultura popular brasileira, Câmara Cascudo, comenta um conceito complementar: “cultura popular é o complexo, presente a totalidade das atividades do povo, do artesanato ao mito, da alimentação ao gesto, o saldo da sabedoria oral na memória coletiva” (2003, p 36).

Ainda podemos relatar um conceito antropológico de cultura popular do autor Laraia: Cultura popular “é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis costumes ou qualquer outra de capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (2004, p.25).

Desse modo, pode-se afirmar que a cultura popular é todo tipo de produção simbólica que emana do povo e se constrói de forma múltipla e heterogênea, e também de forma inconsciente, como resistência aos projetos de dominação elaborados pela sociedade, ao longo de sua história. Desta forma, considera a cultura popular como um conceito de afirmação cultural.

A inserção de algumas manifestações culturais nos meios de comunicação de massa não significa valorizar a cultura popular. Por paradoxal que pareça, esse tipo de exibição nos meios de comunicação de massa se expressa como um mecanismo de resistência e é também uma tentativa de imprimir na grande metrópole a marca dessas manifestações. Como exemplo, podemos citar o carnaval, uma festa popular legítima dos cariocas, mas que não representa todas as manifestações culturais brasileira. As festas típicas, ainda de modo mais restrito, colaboram para a difusão de rituais de um Brasil que também passa a povoar o imaginário de outras regiões.

Com este leque de movimentos culturais existentes neste belo país, realizar ações afirmativas pode torna-se um resgate da cultura popular brasileira. Disso tudo, o que nos fica é que a cultura popular para ganhar visibilidade, não precisa se submeter à

globalização, mas deve se configurar como um fenômeno de resistência a essa submissão, como bem coloca Marilena Chauí (1996), quando destaca que não devemos absorver as produções simbólicas urbanas que se apresenta nos grandes centros como único foco de cultura popular brasileira, pois é fundamental manter acesa a chama da cultura popular como símbolo de soberania e enquanto instrumento afirmativo de nossa identidade cultural.

1.3 - Prática Pedagógica e a cultura popular

É importante realizar ações afirmativas, resgatando da identidade cultural dos alunos através do trabalho cotidiano em sala de aula. Esse resgate valoriza o mundo vivenciado pelo aluno, e principalmente, respeita a diversidade cultural existente na sala de aula. Para ilustrar a importância dessa prática citamos as palavras de Paulo Freire.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. (2004, p. 41 e 42).

Por outro lado, também sabemos que a cultura popular é vista em alguns momentos como cultura marginal, ou seja, que está à margem de todo o processo de produção cultural. Mas se deixarmos a margem, seremos absorvidos pelo mercado e consumidos indistintamente pelas massas que, alheias a qualquer história de uma determinada manifestação cultural, considera toda e qualquer produção que ganha o selo da indústria cultural como algo de qualidade.

É neste espaço que continuaremos a resistir e, ao mesmo tempo, difundir essa cultura popular. Sabemos todos que, se devidamente utilizada, a educação pode ser instrumento de desenvolvimento da autonomia. Portanto, a educação formal é também um dos espaços nos quais devemos difundir a cultura popular, fazendo dela instrumento de aprendizagem e de produção do conhecimento.

Essa filosofia, se adotada num contexto de educação de jovens e adultos ganha ainda mais força, pois ao trabalharmos com sujeitos que já têm uma história de vida, que já está legitimamente inserido dentro das produções culturais de seu grupo, podemos, através

do contexto cultural ao qual está ligado, produzir instrumentais de pesquisa e análise que, além de se configurarem como registro histórico de suas produções culturais, servirão como fonte de aprendizado não só daquele grupo, bem como de todos que lhe sucederão.

Ao trabalhar com esta perspectiva, é possível o resgate das culturais individuais e coletivas, enquanto resistência ao processo de globalização e massificação, que tanto oprimem e descaracterizam a cultura popular. A educação deixa de ser um mero compromisso com o cálculo, a escrita e a leitura e passa a ser instrumento de luta política, pois se apresenta definidora de uma concepção de vida.

Para tornar realidade o trabalho de resgate cultural nas classes de Educação de Jovens e Adultos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ampara e amplia esse direito.

A Seção V da Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – 9.394/96, que versa sobre a educação de jovens e adultos, nos parágrafos 1º do artigo 37 e 2º do artigo 38 comenta o seguinte:

Art. 37 - Parágrafo 1º - Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Art. 38 – Parágrafo 2º - Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos pelos exames. (1996, p.10)

Destaco nestes parágrafos os seguintes trechos: “oportunidades educacionais apropriadas” e “os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos pelos exames”. No primeiro está expresso que ao jovem e adulto é assegurada, além da gratuidade, oportunidades educacionais apropriadas. O que viriam a ser essas oportunidades? Se entendermos que o jovem e o adulto têm um ritmo diferente de aprendizado e outras necessidades em função de suas experiências com outras esferas de formação que não a escolar, buscaremos tempos, espaços e materiais que venham ao encontro das necessidades específicas desses sujeitos.

O segundo trecho garante a validade do conhecimento produzido informalmente, ou seja, fora dos espaços escolares. Esse conhecimento cultural apropriado pelos alunos, permite uma relação mais prazerosa com o processo de produção de conhecimento.

Ao levarmos em conta esses fatores: oportunidades apropriadas e conhecimento informal tornam-se clara a relação entre Educação de Jovens e Adultos e Cultura Popular. A escola não é o único espaço de aprendizagem, de onde provém tanto conhecimento que nossos jovens e adultos levam para sala de aula. Ora, esse é um tipo de conhecimento produzido no dia-a-dia: em casa, no trabalho, com os amigos, nas festividades, nas viagens, nos bate-papos, nas contações de “causos”, lendas, parlenda e adivinhas. Quero dizer: é um saber que se produz à medida que o sujeito interage com seu meio, na medida em que troca experiências com o outro, ou seja, é uma cultura popular.

Sendo assim, à medida que o tempo passa esse saber que circula como produção coletiva, sem dono, sem referências acadêmicas, passa a fazer parte do saber informal de um povo que, a despeito da falta de um banco de escola, produz constantemente um conhecimento e uma cultura, dinâmica, servindo como fonte de aprendizado para outros.

Como a pedagogia instituída é extremamente abstrata e distante da realidade deles, poderemos praticar o trabalho na perspectiva de uma pedagogia surgida da trajetória deles que, por muito tempo à margem desse universo capitalista e suas nuances: escola, emprego, terra, saúde, segurança, etc., poderão perceber que somente a sistematização de seus próprios conhecimentos – que não são poucos – lhes permitirão o acesso à suposta cultura “letrada”.

1.4 - A utilização lúdica da cultura popular como agente facilitador do letramento

Acolher as experiências dos alunos, “respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos, crianças, jovens ou adultos, os educadores populares têm neles um ponto de partida para a sua ação” (FREIRE, 2001, p. 29). É essa ação educativa que possibilita o educando a resgatar sua identidade cultural e construir o conhecimento formal da escrita e leitura.

A elaboração de projetos pedagógicos que desenvolvam ações educativas resgatando a identidade cultural dos educandos oferecem muitas possibilidades para construir esse conhecimento formal, com a curiosidade e desejo do indivíduo. Os projetos abarcam também temas atuais e festas comemorativas do ano letivo.

Ao propor o trabalho com a turma de Educação de Jovens e Adultos, com o tema cantigas de roda da cultura popular brasileira, em forma de texto, o objetivo está em despertar nos alunos à aprendizagem. Essa aprendizagem configura-se no desenvolvimento das funções superiores através da apropriação e internalização de signos e instrumentos em um contexto de interação (VYGOTSKY, 2000, p.141 e 142).

A interação acontece acontecer no momento em que as cantigas foram sendo cantadas e a apropriação dos signos iniciou quando se depararam com as letras das palavras do texto já internalizado, assim os alunos já entram em conta com o texto de forma amigável e não como conhecimento pré-estabelecido, fora de sua identidade cultural.

É importante relatar que os textos são elementos de uma aula expositiva unilateral, mas a atividade se tornou, na concepção de Vygotsky, um jogo interativo, pois possibilitou a interação cultural entre os indivíduos da sala, pois é através do jogo que se constitui o espaço que fornece a possibilidade da construção de uma identidade autônoma e cooperativa.

A brincadeira é um fato social, espaço privilegiado de interação e de construção do sujeito, que produz e é produtor de sua própria história e cultura, a partir das quais o indivíduo recria a realidade através da utilização dos sistemas simbólicos próprios.

Como atividade social específica, a brincadeira é compartilhada pelos indivíduos realizando um sistema de interpretação da realidade com o mundo simbólico, e assim construindo, passo a passo, entre os indivíduos a interação social, cognitiva e afetiva (VYGOTSKY, 2000).

A importância do jogo é escrita por vários teóricos da educação e do comportamento em diferentes momentos históricos da humanidade.

Para Freud, o jogo é a construção saudável da interação social. “O brincar é o mais saudável caminho para canalizar essa energia” (apud ANTUNES, 2003, p.17). Essa energia (libido) é a satisfação de tudo que ansiamos e do que é possível realmente realizar na vida.

Para Piaget, o jogo se constitui, ação de brincar, como elemento que estrutura a situação simbólica inerente à brincadeira.

A criança que brinca está desenvolvendo sua linguagem oral, seu pensamento associativo, sua habilidade auditivas e sociais, construindo conceitos de relação, especiais e se apropriando de relação de conservação, classificação e seriação, aptidões visuo-espaciais e muitas outras” (apud ANTUNES, 2003, p.19).

Neste sentido, o jogo fornece uma estrutura básica para mudança das necessidades e da consciência do indivíduo, pois a ação desse indivíduo na esfera imaginativa e a formação dos planos da vida real realizam ações representativas presentes nos signos e códigos como propõe Emilia Ferreiro: “a escrita pode se tornar uma representação da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras” (2001, p.10).

A teoria de Ausubel apresenta a aprendizagem significativa, que é a interação do conhecimento aprendido com as novas informações. Os conhecimentos aprendidos pelos indivíduos são armazenados em estruturas cognitivas, a estrutura cognitiva representa todo o conhecimento, informação armazenada pelo indivíduo no processo de aprendizagem, que se inicia antes da entrada na escola, a partir de todas as experiências da sua vida.

Ao reconhecer que as cantigas de rodas da cultura popular brasileira são elementos culturais que os alunos vivenciaram, esse elementos culturais representam conhecimentos anteriores que resultará num “ponto ancora” onde as novas informações, irão integrar aquilo que o indivíduo já conhecia. As novas informações, neste trabalho representam o processo de construção do letramento, com os alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Diante disto, as manifestações culturais sendo informações contextualizadas na história de vida dos alunos da educação de Jovens e Adultos, podem se tornar conhecimentos significativos, neste sentido identificam as cantigas de roda da cultura popular brasileira como instrumentos lúdicos e importantes para o processo de letramento destes educando.

Portanto, através das cantigas de roda da cultura popular brasileira, é possível construir o processo de letramento de forma significativa, pois realizaremos atividades diversificadas, tais como cantar, vivenciar e relatar suas experiências de infância e atuais, promovendo para o resgate de sua cultura.

As diferentes formas de linguagens como a música, a dança, e o código lingüístico são partes dessa construção cultural, lúdica e significativa.

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 Apresentação da Metodologia de Pesquisa

A metodologia de pesquisa para este trabalho de conclusão de curso, apresenta uma abordagem qualitativa e referências bibliográficas comentadas, fundamentadas segundo os princípios de Minayo (1993), pois os diferentes aspectos dessa pesquisa possibilitam e proporcionam uma experiência direta e pessoal com o tema a ser estudado.

A abordagem investigativa escolhida permite ao pesquisador estar em contato direto com grupo, no qual o tema da pesquisa será objeto de observação, pois foi da interação com o grupo que surgiu o tema de estudo cantigas de roda da cultura popular brasileira como facilitadora do processo de letramento da Educação de Jovens e Adultos.

Assim, se torna importante deixar claro que Minayo, apresenta em seu trabalho, a pesquisa qualitativa numa perspectiva social, direcionada à investigação da realidade, contemplando área de ciências sociais. As pesquisas sociais em geral incluem principalmente o trabalho com educação.

Em se tratando de pesquisa em educação, é importante destacar, que o lugar primordial deve ser ocupado pelos alunos, que são pessoas em convívio social, numa dinâmica de interação. Para Minayo, “essas pessoas e esses grupos são sujeitos de uma determinada história a ser investigada, sendo necessária uma *construção teórica* para transformá-los em objetos de estudos”. (2004, p.54) A construção teórica dessa pesquisa de campo torna-se um palco de intercâmbios de alunos e pesquisador, propiciando a descoberta de novos conhecimentos.

A investigação na área de educação demanda de um problema, uma questão, uma pergunta articulada a conhecimentos anteriores e/ou uma nova criação de referenciais. A forma que se pesquisa a realidade, para as novas descobertas e respostas para as indagações, são as pesquisas qualitativas que Minayo apresenta como uma pesquisa no campo de ciência social, onde não se objetiva a mensuração dos dados.

A pesquisa qualitativa... nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos às operacionalizações de variáveis (1993 p.21 e 22).

A pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo se complementam, pesquisa de campo, pois mesmo conhecendo a realidade e vivenciando o contexto do grupo estudado, se faz necessário um compromisso teórico–metodológico. “Neste sentido, uma pesquisa não se restringe à utilização de instrumentos apurados de coleta de informações para dar conta de seus objetivos” (MINAYO, 2004) e sim uma junção de pesquisas de campo e bibliográfica.

2.2. Objetivo da Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo será realizada como uma tarefa de investigação e de novas soluções para os questionamentos, no qual, possibilitará a simples descoberta para, através da criatividade, produzir conhecimento. Portanto a pesquisa de campo, conforme as palavras de Minayo, “deve estar ligada a uma vontade e a uma identificação com o tema a ser estudado, permitindo uma melhor realização da pesquisa proposta” (1993 p. 52).

A realização da pesquisa requer uma teoria para fundamentar a interpretação dos dados coletados, pois tabular numericamente esses dados, os transforma em simples mostragem, como explica a autora. “é preciso que tenhamos uma base teórica para podermos olhar os dados dentro de um quadro referencial que nos permite ir além do que simplesmente nos está sendo mostrado” (MINAYO, 2004, p. 61).

Diante da minha vontade de elaborar um trabalho com o resgate da diversidade cultural existente entre os alunos e unindo com o trabalho de alfabetização, por meio das cantigas de roda da cultura popular brasileira, utilizando-se o trabalho de campo, a observação participativa, o referencial bibliográfico comentado e a entrevista, como métodos de pesquisa que possibilitou a formulação de princípios essenciais para criação de conhecimentos e elaboração de subsídios para coleta de dados, que possibilitou o professor realizar um trabalho para facilitar a aquisição do letramento.

É importante ressaltar que essa pesquisa tem como objetivo utilizar as cantigas de roda da cultura popular brasileira, como instrumento que possibilita a construção do processo em letramento das turmas de Educação de Jovens e Adultos.

2.3. Contextualização - característica da turma

O campo de pesquisa, no qual será realizada a investigação e coleta de dados é uma escola de zona rural, Centro de ensino Fundamental do Lago Oeste, escola pública, subordinada a Gerencia Regional de Sobradinho, localizada no núcleo rural Lago Oeste. Os dados serão coletados, na turma de primeiro segmento, classe de alfabetização de Educação de Jovens e Adultos, com 12 alunos participantes da pesquisa. Esses alunos são migrantes nordestinos, trabalhadores rurais, que por trabalhar desde pequenos não tiveram a oportunidade de freqüentar a escola. Encontraram no Lago Oeste o seu sustento como caseiros e domesticas. A idade dos alunos dessa turma é de 20 (vinte) anos a 50 (cinquenta) anos.

2.4. Procedimentos

A pesquisa de campo foi realizada através de aulas ministradas na classe de alfabetização do centro de ensino do Lago Oeste. O pesquisador realizou quatro aulas utilizando as cantigas de roda da cultura popular brasileira.

Ao planejar as aulas e elaborar esse trabalho de resgate cultural e construção do letramento, pesquisei a região de origem dos alunos e investiguei o tipo de brincadeiras e jogos que esses alunos tinham vivenciado em sua infância. Com posse dessas informações, selecionei duas cantigas de roda a Cirandinha e Escravo de Jó.

A cantiga de roda Cirandinha foi escolhida pelo fato de trabalhar a interatividade. A roda é realizada em grupo, que dançando uma ciranda com ritmada e alegre se olha e cantam. Já a cantiga de roda o Escravo de Jó foi selecionada por sua importância histórica podendo ser trabalhada no mês da abolição da escravatura no Brasil, e a herança cultural que os negros afro-descendentes nos deixaram deve ser valorizada facilitando a discussão do preconceito racial em sala de aula.

Na primeira aula, iniciamos os trabalhos dispondo a sala em círculo, com os alunos de pé vivenciando uma roda de ciranda, cantando a música: Ciranda, Cirandinha².

Ao vivenciar a cantiga de roda Ciranda, cantamos a ciranda com o nome de cada aluno da sala, o que permite lembrar a letra da cantiga e não esquecer como se realizava as brincadeiras de suas infância.

Primeiro a professora distribuiu a Ciranda escrita em caixa alta para uma leitura. A leitura foi realizada pela professora oralmente e em seguida pelos educandos. Ao terminar a leitura do texto os alunos procuraram algumas palavras no texto, tais como: bonito, roda, amor anel e Ciranda.

Ao terminado esta etapa, a professora recolheu o texto e entregou o outro material pedagógico, o alfabeto móvel. Com as letras os alunos escreveram as palavras significativas do texto.

Na segunda aula iniciamos os trabalhos vivenciando a cantiga de roda Ciranda com o nome dos alunos da sala, para que relembassem a melodia e o ritmo. A professora distribuiu o texto da música para leitura coletiva. Após a escrita e leitura do texto os alunos receberam a Ciranda recortada em versos, para serem organizados em forma de poema novamente. Depois da organização, os alunos cantavam a Ciranda lendo o poema.

Na terceira aula os trabalhos se iniciaram com a apresentação da cantiga de roda Escravo de Jô³, essa apresentação foi realizada através de uma dinâmica de grupo onde os alunos sentados em círculo, cada qual com uma caixa de fósforos, ouviam a canção e marcavam o ritmo da cantiga, ao mesmo tempo em que passavam a caixa no sentido antehorário. No primeiro momento os alunos marcaram o ritmo em sua própria mesa, e em

² Ciranda, cirandinha/ Vamos todos cirandar/ Vamos dar a meia-volta/ Volta e meia vamos dar/ O anel que tu me deste/ Era vidro e se quebrou/ O amor que tu me tinhas/ Era pouco e se acabou./ Por isso dona _____/ Entre dentro dessa roda/ Diga um verso bem bonito/ Diga adeus e vá se embora.

³ Escravo de Jô/ jogavam caxangá/ Tira põe/ Deixa ficar/ Guerreiros, com guerreiros/ Fazem zig, zig, zá. Guerreiros, com guerreiros/ Fazem zig, zig, zá.

seguida vivenciaram a performance que a cantiga sugere, tais como deixar a caixa de fósforos na mesa do amigo ou tirar e colocar novamente.

Em seguida os alunos receberam este texto em caixa alto, como está apresentado em anexo, onde puderam acompanhar a leitura da cantiga realizada pela professora.

Após a leitura foi realizada a atividade de interpretação da cantiga, os alunos recortaram figuras que para eles representaram a canção e nomeá-las como o texto sugere.

Na quarta aula realizamos novamente a dinâmica, a leitura do texto e a escrita da cantiga em alfabeto móvel.

2.5 - Coleta de dados

Para realizar a pesquisa de campo foram utilizados quatro instrumentos de investigação: a observação participativa, a entrevista, o diário de campo, e a aplicação de aulas.

Estes instrumentos de pesquisa possibilitaram a coleta de dados, em uma abordagem qualitativa, na qual foi se construindo a interação da pesquisadora com o tema escolhido, valorizando o resgate cultural que vem facilitando a construção do processo de letramento do aluno.

Observação participativa

A pesquisa pela ótica da observação participativa, é realizada através de contato direto com o pesquisador, oportunizando-o a obter informações sobre a realidade dos atores estudados em seu próprio ambiente social.

As questões centrais da observação participante estão relacionadas aos principais momentos da relação da pesquisa, sendo um deles a entrada em campo. As capacidades de empatia e de observação por parte do investigador e a aceitação do grupo são fatores decisivos nesse procedimento metodológico... (MINAYO, p.60 e 61).

Assim o observador, enquanto parte do processo, estabelece interação social com o observado. Neste contexto, o observador pode modificar o contexto e pode ser modificado.

Portanto o objetivo inicial desse instrumento, observação participativa é acompanhar e registrar os avanços dos alunos ao vivenciar as cantigas de roda da cultura popular brasileira.

Entrevista

A entrevista ao lado da observação, representa um dos instrumentos de coleta de dados. Esse instrumento de coleta de dados na pesquisa em educação possibilita a interação do pesquisador com as reflexões dos indivíduos que participam da pesquisa de campo, o que permite obter dados objetivos e subjetivos. Na opinião de Ludke “na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influencia recíproca entre quem pergunta e quem responde” (1986, p.33).

A importância da investigação através da entrevista tem grandes benefícios para o pesquisador que deseja atingir um público que não tem a possibilidade de responder um questionário, por ter pouca instrução formal. Portanto a entrevista no campo da pesquisa educacional, proporciona ao entrevistador dados importantes, sobre a construção do processo de aquisição do processo de conhecimento.

Como a interação acontece a todo o momento a pesquisa tem um roteiro inicial que pode se adequar às novas realidades, os indivíduos relatam e apresentam suas reflexões em forma de diálogo.

Para realizar a entrevista é necessário alguns cuidados, o respeito muito grande pelo entrevistado, o que envolve desde um local adequado e hora marcada respeitada, até o respeito pela cultura e valores desses alunos participantes da entrevista.

A entrevista foi realizada como parte da avaliação do trabalho, o relato das experiências dos alunos em pequenos grupos de 6 a 12 pessoas com a participação do

pesquisador no papel de animador. Para melhor coleta de dados as entrevistas foram gravadas em fita-cassete de áudio.

Diário de Campo

O trabalho de campo para ser consolidado deve haver a produção de coleta de dados, dentro dessa idéia de coleta de dados o diário de campo tem um papel indispensável, pois a observação e reflexão posteriores do trabalho realizado possibilitam a riqueza de detalhe com a finalidade de construir essa observação em diferentes momentos.

Segundo Minayo o diário de campo pode ser um excelente instrumento de coleta de dados se o pesquisador apresentar disciplina em anotar o ocorrido a cada dia. “Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico for em anotação esse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e á análise do objeto estudado” (2004, p.64).

O diário de campo deverá conter registros com os dados da observação. Esse diário é um “amigo silencioso” que acompanha pesquisador em todo processo da investigação.

Aplicação de aulas

Para melhor coleta dos dados foram ministradas quatro aulas, utilizando as cantigas de roda da cultura popular brasileira, acompanhadas de atividades de leitura, escrita e interpretação. Após as aulas o pesquisador registrou os dados no diário de campo para refletir sobre a sua prática.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.1 Apresentação da Análise e Discussão dos Dados

A análise dos dados desta pesquisa foi colhida a partir das atividades/aulas que se realizaram na turma de alfabetização de Jovens e Adultos no período de abril a maio, com o objetivo de evidenciar as cantigas de roda da cultura popular brasileira como instrumentos lúdicos e significativos no processo de letramento da Educação de Jovens e Adultos.

As atividades/aulas foram vivenciadas pelos alunos e descritas pela professora, tendo como suporte nesta investigação as entrevistas, gravadas em Cassete, e os registros escritos realizados pelos alunos nas atividades orientadas.

Portanto, para apresentar a concretização da proposta pedagógica, relato os dados colhidos como fonte de estudos posteriores.

3.2 Análise dos dados da observação

Na primeira aula, os alunos se depararam com a sala organizada de forma diferente, um círculo. Muitos alunos perguntaram o motivo da nova disposição da sala.

A professora explicou como seria esta aula e os alunos logo se levantaram e formaram uma grande roda para iniciar com as cantigas de roda. Ao colocar o CD com a canção Cirandinha, a música se fez ouvir e logo estávamos todos dançando, cantando e nos aproximando dessa manifestação cultural. A participação mais intensiva de alguns alunos foi envolvendo os outros, permitindo que a ciranda acontecesse de forma harmônica e bem ritmada.

O trabalho de corpo que a ciranda proporcionou aos alunos os fez vivenciar a cantiga de roda da cultura popular brasileira e elaborar novas formas de interação com o grupo. Segundo Vygotsky (2000) essa interação entre os indivíduos durante o jogo, pode proporcionar entre eles a possibilidade de aquisição de conhecimento.

Após as atividades de vivência da brincadeira de roda, iniciamos a leitura do texto dessa cantiga. Lemos o texto juntos, ouvimos a canção tocada em CD e acompanhamos com o registro em papel.

Essa leitura compartilhada possibilita o aluno a perceber a relação entre o som das sílabas e os caracteres da escrita, avançando no processo de construção da escrita. A esse processo de conhecimento é denominado por Emília Ferreiro (2001) de níveis da escrita, no qual pode ser classificada em pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e ortográfico.

Portanto, a cada nível do processo de escrita, descrito por Emília Ferreiro (2001), aplica-se atividades diversificadas para avançar nas hipóteses dos alunos. Exemplo disso é o trabalho com alfabeto móvel, que proporciona a interação dos alunos com os caracteres. Esse contato com as letras passa ser mais significativo se o texto em questão é familiar para o aluno. E se o educando recita o texto, sabendo de cor, ele confronta com o som de cada sílaba que fala com o símbolo registrado.

A segunda aula foi iniciada com a leitura do texto Ciranda, Cirandinha. Após a leitura realizada pela professora, foi proposto aos alunos uma espécie de caça palavras, no próprio texto, e em seguida a utilização do alfabeto móvel para a escrita destas palavras que foram destacada do texto.

Esse trabalho de leitura e escrita com um texto familiar aos alunos, segundo Ausubel facilita a construção de um novo conhecimento, pois “o novo conhecimento é incorporado à estrutura cognitiva através de uma relação substantiva” (1978, p.54), isto é, novas aprendizagens são adquiridas quando essas informações são relacionadas com a informação apreendida anteriormente.

A utilização do alfabeto móvel para construção do letramento, vem sendo defendido por muitas correntes teóricas, pois esse instrumento de trabalho leva o aluno a observar a posição das letra de diferentes dimensões espaciais, como o ‘S’ e ‘Z’.

Segundo Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), o aprendizado se dá através de suas próprias ações sobre os objetos, onde constrói suas categorias de pensamento, ao

mesmo tempo em que organiza o seu mundo e a si mesmo. O alfabeto móvel é um destes objetos para essa interação com a construção da escrita.

A terceira aula iniciou com a dinâmica, uma dinâmica de grupo com a cantiga Escravo de Jó. Esse jogo possibilitou o educando a vivenciar através do ritmo da música e da letra da canção os hábitos de nossos antepassados, tais como trabalhar cantando, isto é, jogando.

No trabalho de Dias, ela enfatiza “o jogo como gênese da metáfora, instrumento primeiro da aquisição do conhecimento” (2000, p. 46), tem importância singular na construção do conhecimento, pois para ela a construção dos sistemas de representação é fundamental no processo de capacidade de “jogar com a realidade”, ou seja, que o jogo simbólico possibilita a internalizar a realidade de forma lúdica.

O trabalho de registro da interpretação da cantiga foi realizado através de atividade de representação que realizamos, os alunos selecionaram figuras e fotos de revistas que representavam simbolicamente palavras do texto, como por exemplo: a palavra ‘jogavam’, que foi representada por uma foto do jogador de futebol Ronaldo e a palavras ‘guerreiros’ representadas por soldados fardados e muitas outras representações, apresentada em apêndice.

Esse trabalho de representação é defendido pela autora Dias, como parte do desenvolvimento da humanidade.

O ser humano é um ser sensível que, diante do mundo, busca significações, o que torna seu pensamento dinâmico por excelência; e é a metáfora, com suas múltiplas possibilidades de combinação, que possibilita a mediação entre realidade e pensamento.

O pensamento (metafórico por sua própria constituição) é formado por uma rede de relação simbólicas apropriadas culturalmente, mas elaboradas e recriadas pelo sujeito a partir de condições internas próprias.

Também metafórica é a linguagem; seu uso baseia-se não em definições precisas, mas na utilização ricas e complexas com a realidade física e social (2000, p. 47 e 48).

A representação dentro do jogo é defendida também por Vygotsky e Piaget.

Para Vygotsky, a imaginação em ação com o brinquedo, ou jogo é a primeira possibilidade de ação da criança numa esfera cognitiva que lhe permite ações além da motora e do comportamento.

A imaginação é um processo psicológico novo a criança; representa uma forma especificamente humano de atividade consciente que não está presente na consciência das crianças muito pequenas e está ausente nos animais. Ela surge primeiro em forma de jogo, que é a imaginação em ação (2000).

Para Piaget, também a representação em atos, que pode ser realizada através do jogo simbólico, para possibilitar a passagem de uma inteligência sensório-motora, baseada nos cinco sentidos, para uma inteligência representativa pré-operatória, baseada no concreto e na intuição.

Obrigada a adaptar-se sem cessar a um mundo social dos mais velhos, cujos interesses e cujas regras lhe permanecem exteriores, e a um mundo físico, que ela ainda mal compreende, a criança para seu equilíbrio afetivo e intelectual precisa dispor de setor de atividade cuja motivação não seja a adaptação ao real senão, pelo contrario, a assimilação do real ao eu sem coações nem sanções: tal é o jogo, que transforma o real por assimilação mais ou menos pura às necessidades ao eu, ao passo que a imaginação é acomodação mais ou menos pura aos modelos exteriores e a inteligência é o equilíbrio entre assimilação e acomodação (apud Kishimoto, 2000, p.51).

Na quarta e ultima aula, a dinâmica com a cantiga, ficou mais ritmada, os alunos conseguiram marcar o rimo com as caixas de fósforo, mas a letra da cantiga não era conhecida pelos educandos, assim a atividade de escrita foi comprometida.

Segundo Ausubel, se a informação for levada ao aluno de forma arbitrária, sem contextualização e muito menos sem relação aos conhecimentos prévios dos alunos não haverá aprendizagem. “Quando, por um lado, o material de aprendizagem é relacionado arbitrariamente à estrutura cognitiva, o novo conteúdo não terá uma utilização direta” (Ausubel, 1978, p.54).

Nesta aula final os alunos demonstraram o quanto é importante o trabalho com um texto que traga um assunto conhecido, pois no momento de transcrever o texto com o alfabeto móvel a dificuldade surgiu de todos os alunos. Necessitando da interferência da professora para cada palavra a ser escrita.

3.3 - Dados da Entrevista

Na quinta aula foi realizada uma entrevista com os educandos no intuito de coletar os relatos avaliativos sobre as experiências nas atividades que envolveram as cantigas de roda da cultura popular como instrumento lúdico para o processo de letramento.

Na entrevista foi orientado que cada educando relatasse o que essas aulas com a utilização das cirandas tiveram de singular e significativo para o seu processo de aprendizagem.

A partir desta pergunta, cada um foi relatando a importância do resgate cultural permitido pela cantiga de roda para a realização do sonho de ler e escrever.

O jogo propiciou a motivação necessária para este grupo de alunos realizarem as atividades com as cantigas de roda da cultura popular brasileira.

Essa motivação relatada pelos alunos de alfabetização é defendida pela Saldá Marta Ida em seus estudos sobre a importância dos jogos como instrumento educativo “As crianças ficam mais motivadas a usar a inteligência, pois querem jogar bem; sendo assim esforça-se para superar obstáculos, tanto cognitivos quanto emocionais. Estando mais motivadas durante o jogo, ficam também mais ativas mentalmente” (KISHIMOTO, 2000 p. 96).

Essa atividade mental e corporal foi relatada oralmente por quase todos os alunos, que após a vivência com as cantigas de roda ficaram mais animados para realizar outras atividades propostas, tais como leitura e interpretação. Como na citação a baixo, onde os alunos relatam suas experiências:

“O sono acaba. E o texto fica fácil”.

“A música faz as coisas escrita ficar fácil”.

“Quando estou lendo as músicas até parece que já sei ler”.

“Acho que aprendo mais rápido quando estou ouvindo a música”.

Tendo a familiaridade com o texto, os alunos codificam e contextualizam as atividades com desenvoltura e segurança.

Esse momento lúdico, as aulas com a utilização das cantigas de rodas, parecem afastar dos alunos a possibilidade de não acertar, pois os elementos da cultura são vivenciados pelos educando, as rodas acontecem de forma livre e descontraída. Neste sentido Kishimoto coloca que “o jogo por ser livre de pressões e avaliações, cria um clima de liberdade, propicia à aprendizagem e estimula a moralidade, o interesse, a descoberta e a reflexão” (KISHIMOTO, 2000 p. 96).

No espaço escolar, esse projeto que trouxe as cantigas de rodas da cultura popular como tema das aulas de alfabetização, também proporcionou aos educando esse jogo de experiências e conhecimentos significativos, defendido por Kishimoto. “O jogo nos propicia a experiência de êxito, pois é significativo, possibilitando a auto-descoberta, a assimilação e interação com o mundo por meio de relações e de vivência” (2000 p. 96).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o Brasil a cultura popular apresenta inúmeros elementos como a música, as danças e a diversidade de textos como as cantigas de roda cantadas e faladas. As possibilidades de pesquisa são muitas, pois a diversidade de elementos culturais existentes em sala de aula é contagiante, uma vez que a alegria das danças populares e a demanda corporal e rítmica que as cantigas de roda apresentam e propicia essa interação entre o corpo e mente.

O trabalho que estamos realizando de alfabetização de jovens e adultos e resgate da cultura vivenciadas, através das cantigas de roda da cultura popular brasileira, vem trilhando um eixo no qual a construção social e cultural é fundamental para socializarmos nossa cultura.

Ao socializarmos nossas experiências com os jogos, brincadeiras e cantigas de rodas da cultura popular brasileira, vivenciados em nossas infâncias, incorporamos esses elementos em nossas atividades cotidianas da classe do primeiro segmento (sala de alfabetização de jovens e adultos), com grande alegria e curiosidade por parte de todos.

O processo de ensino-aprendizagem deve motivar a participação ativa dos alunos. Ao relembrar as brincadeiras e jogos de sua infância também resgata sua identidade cultural, sua auto-estima, ao mesmo tempo em que está construindo seu processo de letramento.

Portanto, ao utilizar as cantigas de roda da cultura popular brasileira, juntamente com as atividades que propiciam a construção desse processo de letramento, oportunizou experiência uma positiva, pois os alunos obtiveram avanço neste processo de construção do código escrito.

A roda de ciranda da cultura popular colocou os alunos em contato com as diversas brincadeiras e manifestações artísticas e culturais, que se encontram nas suas raízes, que fazem parte das raízes do povo brasileiro. A socialização e a vivência do grupo com as cantigas de roda foi uma introdução ao trabalho que poderá ser realizado posteriormente.

A realização deste trabalho contribuiu para melhoria da minha prática pedagógica uma vez que pude perceber a importância do resgate da identidade cultural do povo brasileiro e a necessidade humana de realizar a leitura de mundo através do código escrito através da experiência lúdica possibilita pelas cantigas de roda da cultura popular brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **O Jogo e a Educação Infantil Falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 86 p.

_____. **Alfabetização emocional novas estratégias**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 108 p.

AUSEBEL, David P. **Psicologia Educacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980. 625. p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional**. Brasil: Ministério de Educação, 1996.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico o que é como se faz**. 16. ed. São Paulo: Loyla, 1996. 186 p.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência Aspectos da Cultura popular no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. 179 p.

FERDERAL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1ª ed. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96 p.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2001. 104 p.

FERREIRO, Emília. e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 147 p.

_____. **Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. 148 p.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 183.

_____. **Política e educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 119 p.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 17. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 117 p.

LUDKE, Menga e André, Marli. **Pesquisa em Educação: Abordagens quantitativas**. ed. São Paulo: E.P.U., 1986.

MINAYO, Cecília de Sousa (org). **Pesquisa Social Teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 80 p.

SILVA, Marcos. **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. 1ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.327 p.

SILVA, Walde-Mar de Andrade. **Lendas e Mitos dos índios Brasileiros**. ed. São Paulo: FTD, 1997.

SILVA, Esequiel Theodoro da. **A produção de leitura na escola, pesquisa e proposta**. ed. São Paulo: Ática, 1985.

VGOTSKI, Lev . Semyonovich. **A formação Social da Mente o desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 191 p.

_____. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2000. 194 p.

Artigos

ABREU, Joana. **A Pré-história da linguagem escrita Segundo Vigotski**. *Escrevendo e Aprendendo*. Brasília, n.2, p. 20-21, 2004.

GOMES, **Rilda Antonia**. **O papel do brinquedo no Desenvolvimento**. *Escrevendo e Aprendendo*. Brasília, n.2, p. 22-23, 2004.

ANEXO A

ANEXO B

APÊNDICE A

APÊNDICE B